

É o maior pedagogo do Brasil e quer trabalhar na Unicamp

# Paulo Freire não vem por causa de política

A Unicamp está perdendo Paulo Freire — criador de um método original, já testado e aprovado, de educação popular. Não porque ele não queira vir para Campinas, mas porque a cúpula universitária está com medo. Medo de se indispor contra o governador do Estado, Paulo Maluf.

Desde fevereiro, o reitor Plínio Alves de Moraes tem em sua mesa ofícios da Faculdade de Educação que propõem a contratação do "pedagogo dos oprimidos", mas até agora a resposta é sempre a mesma. Há seis meses, o reitor está pensando se contrata ou não o maior pensador brasileiro de todos os tempos, o homem que já foi ensinar suas teorias em três continentes (América, Europa e África), que tem mais de 30 livros escritos.

Espalhados no mundo existem mais de cem trabalhos e teses sobre o pró-

prio Paulo Freire e sua maneira inusitada de explicar com a pedagogia voltada para a mudança social, para a conscientização e libertação dos oprimidos. Esse educador quer vir "ensinar e aprender" na Unicamp. Ontem, em conversa com o JH, ele informou que "espera uma resposta".

Não está estranhando a demora de sua contratação, apesar de ter se preparado para vir a Campinas neste segundo semestre. "Tudo indica que há algo mais que burocracia" impedindo a contratação de Freire e nem isso ele estranha.

Freire visitou a Unicamp em 79, quando esteve no Brasil depois de um período de 15 anos fora daqui no exílio. Em março, voltou ao país e novamente esteve na Universidade, num encontro com professores que trabalhariam com ele.

Nas duas oportunidades foi consultado para trabalhar na Unicamp e sua resposta foi sempre afirmativa. "Além do prestígio da Universidade de Campinas, o que mais me provocou uma gostosa inquietação foi o encontro com os professores que me colocaram um plano de trabalho no campo da Educação popular, que fugia da tentativa verbalista. Voltei ao Brasil, com esperança de fazer algo".

Para Moacir Gadotti, diretor do Cedes (Centro de Estudos, Educação e Sociedade), que conversou longamente com Freire em março, esse pedagogo tem interesse em estar junto a uma Universidade de jovens. "A Faculdade de Educação tem se distinguido por certa criatividade e Freire quer vir aqui para reinventar a Educação do futuro".

## Não há qualquer impedimento para a contratação ser feita

"Talvez o reitor não tenha tido tempo de ler o ofício, desde fevereiro. A burocracia pode estar muito lenta ainda, apesar dos esforços do ministro". Com essa frase irônica, Paulo Freire tentou explicar a demora do reitor da Unicamp em responder à sua contratação. Mas o diretor da Faculdade de Educação, Eduardo Chaves, é mais direto e afirma que "o reitor está segurando a designação por problemas políticos".

Sua afirmação é taxativa porque não há qualquer impedimento administrativo que proíba Freire de vir.

O diretor aproveitou a saída de uma professora, que deixou verba e cargo na Faculdade de Educação, para propor o nome de Paulo Freire no lugar. Isso aconteceu dia 22 de fevereiro e até agora o reitor não despachou e nem foi aberto processo com número.

— "Não há desculpa.— comenta Chaves — O processo está em ordem do ponto de vista burocrático e administrativo. Há verba e o pedido foi encaminhado em tempo hábil. O que poderia levar o reitor a não encaminhar o processo é o aspecto político, é o receio que o governo do Estado — que sustenta a Universidade — venha a exercer pressão econômica".

A morosidade, para o diretor do Cedes, Moacir Gadotti, está dependendo de um conjunto de circunstâncias. "A Universidade hoje é medrosa, preocupada em

não criar atritos com o governador e pouco criativa. A cúpula não tem favorecido grandes debates, não tem incentivado a cultura, ciência e educação. Em outra época, essa contratação teria sido rápida, mas hoje não há sensibilidade para medir a importância de Paulo Freire".

Plínio Alves de Moraes, o reitor que tem a incumbência de decidir sobre a vinda de Freire, continua pensando. Pelo menos foi essa informação que deu ao Conselho Universitário, na última reunião. O caso continua sem solução, enquanto educadores da França e outros países consultam o diretor da Faculdade de Educação sobre a contratação de Freire. Eles querem vir estagiar perto de Freire, outros querem fazer pós-graduação ou defender tese de doutoramento na Faculdade onde ele estiver.